

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO CIENTISTA BLOGUEIRO NOS BLOGS BRASILEIROS

Natália Martins Flores¹
Isaltina Maria de Azevedo Melo Gomes²

Em correntes de estudos como a Retórica, a Pragmática e a Análise do Discurso, multiplicam-se trabalhos sobre a construção discursiva de imagens do enunciador, capturando o conceito de *ethos* por diferentes facetas e adaptando-o a diferentes dispositivos discursivos (MAINGUENEAU, 2002). Os objetos empíricos investigados também são variados, como a conformação do enunciador de obras literárias, a construção de identidades de produtos jornalísticos e publicitários e a construção de imagens de candidatos políticos em campanhas políticas. Apesar dessa diversidade de estudos, ainda tem-se dado pouca atenção à construção do *ethos discursivo* do sujeito cientista, tanto no discurso científico como em materialidades da divulgação científica.

Neste trabalho, investigamos a construção discursiva de cientistas em blogs brasileiros escritos por cientistas. Adotando a Análise do Discurso Francesa, focamos nosso olhar nas cenografias e no *ethos* discursivo do cientista blogueiro construídos em seis blogs escritos por pesquisadores, assim como as estratégias discursivas utilizadas por esses sujeitos para legitimarem a sua fala. A análise deteve-se, especificamente, em 12 *posts*, dois *posts* de cada blog, selecionados aleatoriamente num período de janeiro de 2012 a dezembro de 2013.

¹ Mestre em Comunicação pela UFSM. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE).

² Doutora em Linguística pela UFPE. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE).

SOBRE ETHOS DISCURSIVO E CENOGRAFIAS

Em seus estudos, Maingueneau integra a noção de ethos à performance do discurso. Mais do que uma estratégia de persuasão pelo uso de argumentos, o ethos é definido por esse autor como uma *maneira de ser e de dizer* relacionada à identidade de determinada posição discursiva (MAINGUENEAU, 2008). Ele seria responsável por mobilizar o coenunciador a aderir um determinado universo de sentido de um discurso.

Em Maingueneau, o *ethos* vem atrelado ao conceito de cenas de enunciação e, especificamente, cenografia. Esta última remete à *mis-en-scène* da situação de comunicação, um processo construído e progressivamente validado pelo ato de enunciação (MAINGUENEAU, 1999; 2014). Nos discursos da internet, a cenografia emerge como elemento central do discurso, produzindo variadas cenas de enunciação que não se relacionam com um específico tipo de discurso ou gênero (MAINGUENEAU, 2014). Estudar sua construção nos blogs escritos por pesquisadores torna-se, então, importante no mundo contemporâneo onde os cientistas se apropriam cada vez mais das ferramentas tecnológicas para divulgar ciência.

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS BLOGS ESCRITOS POR PESQUISADORES

A análise do *corpus* permitiu a identificação das seguintes cenografias: *didática*, *diário*, *mural* e *comentário*. Elas se diferenciam entre si pelas estratégias discursivas utilizadas, que configuram modos específicos do enunciador marcar seu lugar no enunciado, e na relação estabelecida com o seu co-enunciador (Quadro 1).

Quadro 1 – Relação entre estratégias discursivas, cenografias e ethos discursivo

| Cenografia | Estratégias discursivas | Ethos |
|--|--|---|
| Didática Posts #1, #3, #9, #10, #11 | Inserção do enunciador como condutor da narrativa ; Explicação de termos científicos (marcas didáticas); Citação de estudos científicos (hyperlinks); Inclusão do enunciador em comunidades discursivas científicas; Uso da linguagem coloquial. | Sujeito cientista informado informal |
| Diário Posts #2 e #8 | Inserção do enunciador como personagem e narrador; Interpelações e simulação de diálogos. | Reflexivo Experiente Dialógico Próximo |
| Mural Posts #5 e #7 | Linguagem direta e plano embreado; Memória interdiscursiva (hyperlinks); Modalizações | Informado Atualizado |
| Comentário Posts #4, #6 e #12 | A voz do outro; Experiência pessoal (inclusão do enunciador e citação de seu artigo científico); Memória interdiscursiva Uso do raciocínio lógico-científico. | Sujeito cientista Informado Opinativo |

A CENOGRAFIA DIDÁTICA

A cenografia *didática* coloca o enunciador na posição de sujeito cientista que ensina e instrui o seu leitor sobre assuntos científicos por meio da explicação e narração de pesquisas científicas. O lugar enunciativo refere-se a um sujeito *informado* que tem conhecimentos sobre temas de determinada área de pesquisa. Esse lugar é marcado pelo uso de estratégias como a citação e narração de estudos científicos no texto, a explicação de jargões e termos científicos ou a indicação de matérias sobre o assunto, em forma de *hyperlink*. Essa configuração da cenografia e do ethos é reforçada pelo registro informativo desses enunciados.

Uma das principais estratégias discursivas utilizadas pelo enunciador dessa cenografia consiste no uso de marcas de didatismo, construindo um *ethos* de um sujeito que compartilha as informações científicas que ele detém com o seu coenunciador. Essa configuração pode ser observada em trechos que contém marcas de didatismo explícito, em que o enunciador explica termos, jargões científicos e metodologias dos estudos citados, como no exemplo:

[Exemplo 1]: De bactérias no estômago de um tigre adormecido a plantas contaminadas por fungos contaminados por vírus, e até mesmo tu, caro leitor, todos são parte de uma cadeia ininterrupta de histórias de seres vivos que tiveram sua origem em um único evento, o alvorecer da vida num único organismo, *LUCA (Last Universal Common Ancestor) que seria o*

hipotético ancestral de toda a vida na Terra. Sim, tu és parente daquela macieira no quintal, assim como dos pulgões que parasitam ela em certas épocas do ano (A crônica das Moscas, 11 de setembro de 2012, <http://>).

No trecho acima, o uso de exemplos (como “bactérias no estômago de um tigre adormecido”, “macieiras no quintal”) tornam o conteúdo apresentado mais didático ao aproximarem-no do universo simbólico do leitor. As marcas de didatismo também se referem à explicação do que significa a sigla LUCA (“Last Universal Common Ancestor”), seguidos de um aposto explicativo (“o hipotético ancestral de toda a vida na terra”) que traduz o significado da sigla. O uso da interpelação ao co-enunciador soma-se às estratégias de didatismo ao reforçar as posições do enunciador de sujeito que explica diretamente ao seu leitor os conteúdos científicos e do coenunciador de sujeito que não familiarizado com o universo científico.

Além da explicitação de termos científicos, uma das estratégias discursivas que engendram a construção do enunciador consiste na formação de uma comunidade discursiva que inclui o enunciador ao mesmo tempo em que exclui o seu interlocutor (o que ocorre nos *posts* #3 e #9) (exemplo 2):

[Exemplo 2]: Pode ser que esta frequência inesperadamente alta de amor intenso relatada pelos participantes, mesmo aqueles casados há mais tempo, se deva a uma tentativa de passar uma boa imagem, *algo que nós na psicologia chamamos de desejabilidade social – a pessoa tenta responder aquilo que normalmente é esperado dela* (Socialmente, 10 de dezembro de 2012, <http://>).

O uso da primeira pessoa do plural consiste numa estratégia discursiva de construção de um sujeito coletivo imaginário, uma comunidade discursiva que partilha das mesmas práticas discursivas e produzem discursos a partir de uma mesma formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997), na qual o enunciador se vê incluído. Trata-se de uma demarcação explícita do “nós” (os cientistas), diferenciando-os de um “você”, o coenunciador, lugar que pode ser assumido por indivíduos que não participam da comunidade de práticas da área científica da psicologia e, por isso, não compartilham os mesmos repertórios científicos do enunciador.

A CENOGRAFIA DIÁRIO

A cenografia diário posiciona o enunciador no papel legítimo de relatar e narrar o seu cotidiano, ao mesmo tempo em que reflete sobre as suas ações e decisões na vida de laboratório. Por vezes, ela adquire tons confessionais e reflexivos característicos do gênero diário, pois o enunciador desabafa sobre sua rotina de pesquisa, fazendo julgamentos e apreciações.

Nessa cenografia, a estratégia discursiva adotada pelo enunciador consiste em se posicionar no texto, incluindo-se como personagem e narrador da narrativa. Para isso, utiliza-se a 1ª pessoa do singular e outras marcas do plano embreado que permitem traçar uma linha temporal entre o evento narrado e a situação de enunciação e criam um sujeito individual de pesquisa. Essa estratégia permite a construção de um *ethos* de *sujeito reflexivo* cujo dizer é legitimado pela sua curiosidade na prática em laboratório (e seu esforço em aprender mais) (*post #2*) ou pela sua experiência no mundo da pesquisa científica (*post #8*). Em alguns trechos, observamos que o enunciador reflete sobre a sua própria posição no campo científico, mostrando o modo como ele se enxerga:

[Exemplo 3]: *Hoje eu ainda me vejo mais como alguém que põe um laboratório pra funcionar, faz medidas, analisa dados, escreve paper, briga com referee de paper, por fim publica o paper e aí começa tudo de novo. Mas uma hora a gente passa pro lado de escrever projeto, orientar tese, administrar o orçamento, escrever relatório, divulgar os resultados e começar tudo de novo. Espero poder manter o primeiro o máximo possível, mesmo assumindo o segundo lado de braços abertos (Caderno de Laboratório, 26 de junho de 2012, <http://>).*

Além do *ethos* do enunciador, prestamos atenção ao modo como a relação entre esse sujeito e seu coenunciador é construída. A configuração dessa relação na cenografia diário se faz por meio do uso da linguagem coloquial para construir um universo discursivo em comum entre esses sujeitos, por meio do compartilhamento de repertórios, etc. Uma estratégia discursiva bastante utilizada para esses fins é a procura de estabelecimento de diálogo entre o enunciador e seu possível leitor, por meio de interpelações e outros recursos linguísticos. No exemplo 6, o uso de expressões “sabe como é?” e “né?” advém da linguagem oral e convocam o

interlocutor a concordar com as colocações do enunciador. Logo no trecho seguinte, vemos a simulação de um diálogo com o interlocutor.

[Exemplo 4]: Dúvidas da juventude, *sabe como é?* Afinal, o projeto não se chama Jovem Pesquisador à toa, né?

Você vai me dizer: 'Tá reclamando de quê? Você sabia que ia ser assim!' E eu vou te dizer : não, não estou reclamando não. Apenas estou constatando (Caderno de Laboratório, 26 de junho de 2012, <http://>).

A CENOGRAFIA MURAL

No *corpus*, os *posts* #5 e #7 configuram uma cenografia de mural, no qual o enunciador assume o lugar de informar e divulgar ao seu co-enunciador a ocorrência de eventos científicos. Essa posição enunciativa é legitimada pela utilização de uma linguagem direta composta por registros informativos e pela 3ª pessoa do singular, que escondem as marcas enunciativas do enunciador. No *post* #5, utiliza-se o plano embreado – referindo-se ao tempo da enunciação – e enunciados curtos com as atrações do evento:

[Exemplo 5]: *Está chegando* o dia da premiação mais importante da Ciência. O Ig Nobel 2012, que mais uma vez irá premiar as pesquisas que fazem rir, e depois pensar. A premiação *desse ano* acontece na *próxima* Quinta-feira, dia 20 de Setembro e o tema é o Universo. As clássicas atrações *estão* confirmadas. Os discursos Welcome, Welcome e Goodbye, Goodbye, e a mini ópera O Design Inteligente e o Universo (Nightfall in Magrathea, 16 de setembro de 2012, <http://>).

No trecho acima, as expressões temporais “está chegando”, “desse ano” e “próxima” têm como referência o tempo presente da situação de enunciação. As citações das atrações clássicas, logo em seguida, conformam um *ethos* de sujeito informado ao o mostrarem como alguém que vem acompanhando as cerimônias de premiação e, por isso, sabe sobre as invenções científicas que foram premiadas em anos anteriores.

Nessa cenografia específica, a relação entre enunciador e coenunciador é criada por meio do uso de marcas de interpelação e pela indicação de hiperlinks e chamados para que o leitor acompanhe o evento científico anunciado no blog. No exemplo 6, os trechos sublinhados são hiperlinks para a programação do evento e sua transmissão ao vivo pelo canal TV-USP. Essa configuração constrói um *ethos*

discursivo para o coenunciador de sujeito interessado em ciências e, especificamente, nos prêmios Nobel de física.

[Exemplo 6]: Siga na TV-USP, ao vivo: para quinta (28/02) o link é [este aqui](#). Na sexta, dia 01/03, o [link é este](#) (Caderno de Laboratório, 26 de fevereiro de 2013, <http://>).

A CENOGRAFIA COMENTARIO

Por fim, chegamos à cenografia de comentário, na qual o enunciador assume a posição de comentarista que exprime a sua opinião sobre algum assunto polêmico. As marcas discursivas que denotam opinião são a principal característica da cenografia de comentário. A estratégia consiste na recorrência à voz do outro – do interdiscurso – que se constituem em discursos contrários à sua opinião que reforcem a sua lógica argumentativa. Constrói-se uma espécie de simulacro da voz do outro (MAINGUENEAU, 2008) como forma de enfraquecê-lo, ao mesmo tempo em que se consolida a opinião do enunciador sobre o assunto. Essa recorrência faz-se por meio do uso da memória interdiscursiva, de marcas textuais que moldam um sujeito informado sobre assuntos do imaginário coletivo e da atualidade, temática dos posts.

A configuração de um caráter de sujeito cientista para o *ethos* do enunciador também remete às estratégias de argumentação baseadas no pensamento lógico científico, utilizadas nos *posts* #4 e #6. O enunciador assume a posição de “julgar” eventos sociais que ele observa, em nome da ciência, representado pelo “fato” científico. Ao mesmo tempo em que se coloca nesse lugar, o enunciador também demarca a posição do coenunciador, como podemos observar no exemplo:

[Exemplo 7]: Não “errado” no sentido moral da coisa. Errado no sentido de: será que eu tenho *conhecimento suficiente* para fazer essa afirmação? Será que eu tenho *evidências suficientemente boas* para essa acusação? Será que isso que estou compartilhando na minha timeline é originado de uma *fonte confiável*? E se eu não estou bem informado, será que há uma forma de me informar melhor sobre isso e saber o que está acontecendo? Quando esse sujeito diz que eu posso estar enganado, será que ele pode estar certo? Será que ele possui *informações mais válidas* que as minhas? Será que as *evidências* que ele apresenta são *mais confiáveis* que as minhas? (Nightfall in Magrathea, 19 de outubro de 2013, <http://>).

No trecho, as perguntas retóricas simulam as questões que o coenunciador deveria se perguntar antes de analisar alguma situação social e divulgar sua opinião em redes sociais. Esses questionamentos, formulados pelo enunciador, são constituídos pela lógica científica, pois possuem expressões utilizadas pelo método científico, como “evidências”, “mais confiáveis”, “informações mais válidas” e “evidências suficientemente boas”. A argumentação do enunciador consiste em explicar ao seu leitor como utilizar o pensamento científico para observar e verificar a validade de opiniões na análise de algum evento social – em busca de evidências que comprovem ou refutem determinada explicação do senso comum. A relação construída com o seu interlocutor é de convencimento desse segundo sobre a validade da sua opinião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção discursiva dos cientistas blogueiros trafega entre elementos do estereótipo racional e objetivo do sujeito cientista no campo científico – caracteres de sujeito informado, experiente – e marcas do discurso cotidiano, como os caracteres de sujeito reflexivo, opinativo, informal e próximo. Observa-se uma abertura à reflexividade, informalidade e opinião, elementos que dificilmente tem espaço no discurso científico tradicional e em outras representações sociais do cientista.

REFERÊNCIAS

- MAINGUENEAU, Dominique. *Analyser les textes de communication*. Paris: Armand Colin, 2014.
- _____. “Problèmes d’ethos”, *Pratiques* nº113, pp.55-68. Trad. Brésilienne dans: MOTTA, A.R. SALGADO (ed). *A propósito do ethos*, São Paulo, Contexto, 2002, pp.11-29.
- _____. Ethos, cenografia e incorporação. Em: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008, p.68-92.
- _____. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.